

Um exame radical e perturbador do estatuto da mulher e do papel da violência na política e na cultura contemporâneas.

O mais brilhante e formidável expoente da psicanálise e, sem discussão possível, da teoria da cultura, o emergir no Europa nas últimas décadas.

Terry Eagleton

No universo do pensamento político e do onólise da sociedade contemporânea e dos seus tropismos fundamentais, uma figura impôs-se na último década e gonhou o estatuto de estrela fulgurante e onnipresente nos centros de discussão e no circuito editoriol internacional. Chama-se Slavoj Žižek (...).

António Guerreiro, *Expresso*, 02/09/2006

Nascido em 1949, Slavoj Žižek é psicanalista, filósofo, investigador do Instituto de Sociologia na Universidade de Liubliana, na Eslovénia, e professor visitante na New School for Social Research, em Nova Iorque.

Entre as suas obras publicadas na Relógio D'Água incluem-se *Bem-Vindo ao Deserto do Reol*, *Elogio da Intolerância*, *As Metástases do Gozo* e *A Subjectividade por Vir*.

O seu último e mais sistemático livro é *The Porallax View* (2006).

FNAC - 02
300102010100

28/11/06
0318753



9 789727 089093
ŽIŽEK, SLAVOJ
METÁSTASES DO GOZO (AS)
Preço editor 15,00 €

PREÇO MÍNIMO GARANTIDO

PREÇO FNAC

13⁵⁰ €

AS METÁSTASES DO GOZO

SLAVOJ ŽIŽEK

AS METÁSTASES DO GOZO

Seis Ensaio sobre a Mulher e a Causalidade

SLAVOJ ŽIŽEK



RELÓGIO D'ÁGUA

Slavoj Žižek

As Metástases do Gozo

Seis Ensaio sobre a Mulher e a Causalidade

Tradução de
Miguel Serras Pereira

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel. 21 8474450
fax: 21 8470775
www.relogiodagua.pt
relogiodagua@relogiodagua.pt

© Slavoj Žižek 1994, 2005

Título: As Metástases do Gozo — Seis Ensaio
sobre a Mulher e a Causalidade

Título original: *The Metastases of Enjoyment — Six Essays
on Women and Causality* (1994)

Autor: Slavoj Žižek

Tradução: Miguel Serras Pereira

Revisão de texto: Joana Espírito Santo

Capa: Relógio D'Água Editores sobre pormenor de *A Virgem* (1913),
de Gustav Klimt

© Relógio D'Água Editores, Novembro de 2006

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide, Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 250140/06

Argumentos

Índice

Introdução	
De Sarajevo a Hitchcock... e vice-versa	11

Primeira Parte A MULHER

1. O amor cortês, ou a mulher como a Coisa	17
O teatro masoquista do amor cortês	17
O «demónio da perversidade» cortês	23
Exemplos	30
Do jogo cortês ao <i>Jogo das Lágrimas</i>	34
<i>O Jogo das Lágrimas</i> a caminho do Oriente	37
2. David Lynch, ou a depressão feminina	47
Lynch como pré-rafaelita	47
Uma voz que escorcha o corpo	50
Uma falha na cadeia das causas	53
O nascimento da subjectividade a partir da depressão feminina	55
A pura superfície do acontecimento de sentido	59
Deleuze como materialista dialéctico	63
Os problemas da «génese real»	67
3. Otto Weininger, ou «A mulher não existe»	79
«A mulher é total e unicamente sexual»	80

A «noite do mundo» feminina	86
Para além do falo	93
As «fórmulas da sexualização»	99

Segunda Parte

CAUSA

4. O beco sem saída da «dessublimação repressiva»	117
A teoria crítica contra o «revisionismo» psicanalítico	119
A contradição como indício da verdade teórica	125
A «dessublimação repressiva»	128
Habermas: a psicanálise como auto-reflexão	136
«A preponderância do objecto»	141
5. O sujeito tem causa?	145
Lacan: da hermenêutica à causa	145
Entre a substância e o sujeito	150
O silogismo do cristianismo	156
Porque não é Hegel um ateu humanista?	160
O enigma da «memória mecânica»	162
A lógica hegeliana do significante	167
6. O supereu por defeito	179
Uma Lei que goza	179
O sujeito cindido da interpelação	183
Kundera, ou como gozar da burocracia	190
«Não cedas no teu desejo!»	193
Mal do eu, mal do supereu, mal do isso	198
O olhar impotente e a sua culpa	202
A guerra das fantasias	205
Atravessar o fantasma	211

Apêndice

TOMADA DE POSIÇÃO: UMA AUTO-ENTREVISTA

A destituição subjectiva	221
Porquê a cultura popular?	228

O fantasma e o objecto <i>a</i>	233
Psicanálise, marxismo, filosofia	239
O sujeito descentrado	243
Lacan e Hegel	247
Lacan, Derrida, Foucault	254
«Falocentrismo»	262
Poder	267
Do patriarcado ao cinismo	270
Bósnia	276

Introdução

De Sarajevo a Hitchcock... e vice-versa

Onde poderemos apreender o «gozo como factor político» sob a sua forma de expressão mais pura? Há uma célebre fotografia da época dos pogromes anti-semitas nazis que mostra um rapazinho judeu aterrorizado, cercado por um grupo de alemães. Este grupo é extremamente interessante, uma vez que as expressões dos seus membros exibem uma escala completa de reacções possíveis: um dos alemães «goza» em termos imediatos, imbecis; outro está nitidamente assustado (talvez prevendo poder vir a ser ele a próxima vítima); a indiferença afectada pelo terceiro esconde uma curiosidade recém-desperta, e assim por diante — até que deparamos com a expressão singular de um homem ainda jovem, que se sente obsessivamente incomodado, até mesmo repugnado, com a situação, incapaz de se lhe entregar sem reservas, embora ao mesmo tempo fascinado, gozando com uma intensidade que supera de longe a estupidez do prazer imediato. *É ele o mais perigoso*: a sua indecisão vacilante corresponde exactamente à expressão singular, referida por Freud, do Homem dos Ratos ao descrever a história da tortura do rato: «Nos momentos mais importantes, enquanto contava a sua história, o seu rosto assumia uma expressão estranha e complexa. Não me era possível interpretá-la senão como uma expressão de horror perante o seu próprio prazer, do qual ele próprio não estava consciente»¹.

Este gozo é o elemento generativo primordial, com as suas metástases que se distribuem por duas séries inter-relacionadas, uma

política e outra sexual, que justificam que o presente livro se divida em duas partes. Como deveremos, portanto, conceber aqui a inter-relação? No Outono de 1992, no final de uma conferência que fiz sobre Hitchcock numa universidade dos Estados Unidos, um dos membros da assistência perguntou-me com indignação: «Como é que você pode falar de um tema tão insignificante, quando o seu país está em chamas?» A minha resposta foi a seguinte: «Como *podem* vocês, nos Estados Unidos, falar de Hitchcock?» Nada tem de traumático que me comporte como convém a uma vítima, descrevendo os horríveis acontecimentos em curso no meu país; trata-se de uma conduta que só pode despertar compaixão e um falso sentimento de culpa, que é o negativo da satisfação narcísica — quer dizer: a consciência por parte do meu público de que todos os membros que o integram passam bem, enquanto as coisas me correm mal. Mas, no momento em que começo a comportar-me como os membros do público e a falar sobre Hitchcock e não sobre os horrores da guerra na ex-Jugoslávia, violo uma proibição tácita...

Esta experiência pessoal documenta bem aquilo que é realmente intolerável para o olhar ocidental no actual conflito dos Balcãs. Basta que nos lembremos da descrição típica da Sarajevo sitiada: os repórteres competem uns com os outros na descoberta da cena mais repugnante — corpos lacerados de crianças, mulheres violadas, prisioneiros famintos: tudo isso é pasto de primeira para os ávidos olhos ocidentais. Todavia, os *media* já não são tão pródigos em palavras sobre o modo desesperado como os habitantes de Sarajevo se esforçam por manter a aparência de uma vida normal. A tragédia de Sarajevo pode condensar-se no caso de um empregado de certa idade que se dirige quotidianamente para o seu escritório, mas tem de estugar o passo em certos locais, porque há um franco-atirador sérvio emboscado numa colina próxima; numa discoteca que funciona «normalmente», ainda que lá dentro sejam audíveis explosões de fundo; numa jovem que abre caminho entre escombros até ao tribunal, para conseguir o divórcio e poder começar uma vida nova com o seu amante; no número da revista bimestral bósnia sobre cinema que foi publicada em Sarajevo, na Primavera de 1993, e trazia ensaios sobre Scorsese e Almodóvar...

Não é a diferença o insuportável. O insuportável é o facto de, em certo sentido, *não haver diferença*: em Sarajevo, não há «balcânicos» exóticos sedentos de sangue, mas cidadãos normais como nós. No

momento em que tomamos em conta este facto, a fronteira que «nos» separa «deles» fica exposta em toda a sua arbitrariedade e nós vemo-nos constrangidos a renunciar à distância segura dos observadores exteriores: como no anel de Moebius, a parte e o todo coincidem, de tal maneira que deixa de ser possível traçar uma linha clara e nítida de separação entre nós, que vivemos numa paz «verdadeira», e os habitantes de Sarajevo, que fingem, tanto quanto podem, viver em paz; somos então forçados a admitir que, em certo sentido, também nós imitamos a paz, vivemos na ficção da paz. Sarajevo não é uma ilha, uma excepção no mar da normalidade; é, pelo contrário, esta pretensão normalidade que é, em si própria, uma ilha de ficções no interior de uma guerra comum. Tal é o aspecto que tentamos esquivar quando estigmatizamos a vítima, quer dizer: quando a situamos no espaço maculado entre duas mortes — como se a vítima fosse um pária, uma espécie de morto-vivo, confinado no espaço sagrado do fantasma.

Esta experiência explica o contexto teórico e político deste livro. A Primeira Parte centra-se nas vicissitudes da figura da mulher na arte e na ideologia modernas; o objectivo é «resgatar» para o pensamento progressista autores habitualmente considerados casos perdidos de reacçãoarismo; a Segunda Parte analisa o papel estrutural da violência no capitalismo tardio, propondo um enquadramento de fundo político-ideológico mais amplo aos recentes horrores registados na Bósnia. As duas partes do livro, longe de pertencerem a dois âmbitos diferentes, o da análise política e o dos estudos culturais, mantêm entre si uma relação como a que articula as duas superfícies do anel de Moebius: se avançarmos o suficiente numa das superfícies, encontrar-nos-emos rapidamente na superfície oposta. Na Primeira Parte, o exame do estatuto discursivo das mulheres refere-se continuamente ao problema das relações de poder; na Segunda Parte, a análise da ideologia conduz à abordagem das ligações entre a violência e a *jouissance féminine*.

Notas

- 1 Sigmund Freud, «Notes upon a case of obsessional neurosis», in James Strachey (org.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. 10, Londres, Hogarth Press, 1955, p. 166-167.